casadesarmento
centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

INSCRIÇÃO HONORÍFICA DEDICADA A CONSTÂNCIO CLORO.

BRANDÃO, Domingos de Pinho

Ano: 1959 | Número: 69

Como citar este documento:

BRANDÃO, Domingos de Pinho, Inscrição honorífica dedicada a Constâncio Cloro. *Revista de Guimarães,* 69 (3-4) Jul.-Dez. 1959, p. 367-374.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

Inscrição honorífica dedicada a Constâncio Cloro

Pelo Prof. Dr. DOMINGOS DE PINHO BRANDÃO
Reitor do Seminário Maior do Porto

A Casa de Pielas, da freguesia de Painzela, no Concelho de Cabeceiras de Basto, é, com seus jardins e pátios, um magnífico solar que mostra ares de nobreza e fidalguia.

Tem uma história rica essa casa; e à nobreza do passado bem se alia a distinção dos actuais proprietários: a Ex.ma Senhora D. Maria Ana Carvalho e Almeida Fleming e o Ex.mo Sr. Fernando Miller Fleming.

Uma visita, que em 13 de Novembro de 1958 aí fizemos, ofereceu-nos a oportunidade de tomar conhecimento da existência, no pátio exterior da casa, de uma coluna de granito, com uma inscrição honorífica dedicada ao Imperador Constâncio primeiro, que foi pai de Constantino, o Magno, e marido de Helena, que a Igreja venera como Santa (1).

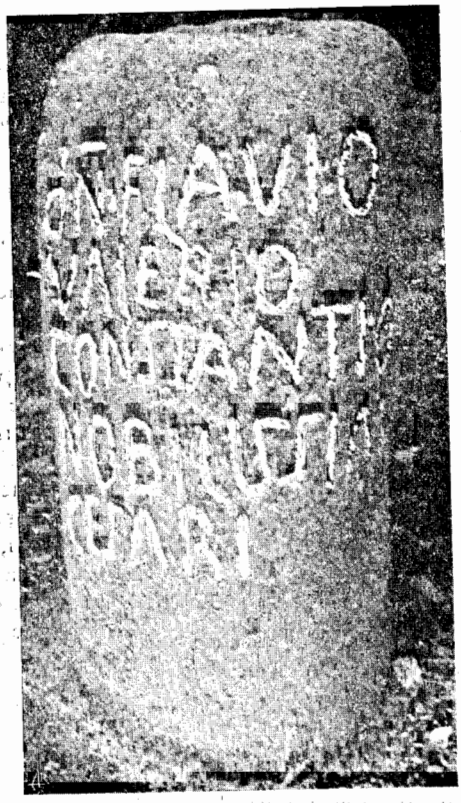
O Monumento

Trata-se de uma coluna de granito, que se encontra presentemente no largo que antecede o pátio interior da casa de Pielas, à direita de quem entra.

---

(1) Santa Helena (*Fl. Iul. Helena. Aug.*) faleceu em 327. Constâncio I repudiou Helena, de quem tivera Constantino, para se unir a *Flavia Maximiana Theodora.*

Parcialmente enterrada, tem a forma de tronco de cone invertido, com pequena inclinação. A porção que emerge da terra mede 92 centímetros de altura. O diâmetro máximo da parte superior é de 48 centímetros.

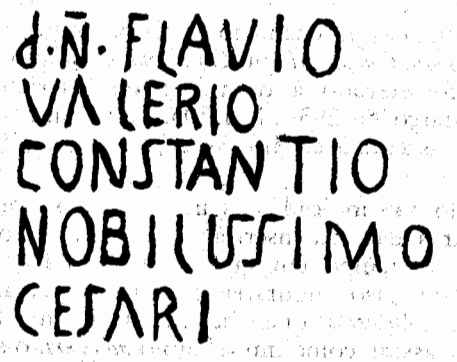


Marco com inscrição dedicada a Constâncio Cloro.

Casa de Pielas — Cabeceiras de Basto

A Inscrição

A inscrição distribui-se em cinco linhas do modo seguinte:



As letras são de altura diversa, oscilando entre 75 e 95 milímetros e denotam, pelas irregularidades que apresentam, um mau lapicida.

Na primeira linha o D inicial está gravado com a forma que chamaríamos minúscula. Sobre o N há um traço, sinal de abreviatura, que aparece com frequência a partir do século II (1). Ambas estas siglas estão seguidas de pontos.

Na segunda linha o A (segunda letra) está gravado sem traço transversal, fenómeno que se repete na última linha (quarta letra).

O desenho-decalque, que reproduzimos atrás, indica suficientemente a *grafia* das restantes letras.

Desdobra-se a inscrição do modo seguinte:

D(OMINO) N(OSTRO) FLAVIO/VALERIO/
CONSTANTIO/NOBILISSIMO/C(A)ESARI//.

e traduz-se:

Dedicado (este monumento) a Nosso Senhor
Flávio Valério Constâncio, nobilíssimo Cesar.

---

(1) Cf. René Cagnat — *Cours d'Épigraphie Latine*, 4.ª edição (1914) pág. 405.

Trata-se, pois, de uma inscrição honorífica em honra de Constâncio primeiro. Está em dativo, à maneira de dedicação, como acontece geralmente com as inscrições honoríficas durante o Império.

Constâncio I, chamado o *Cloro* — nos títulos epigráficos *Imp. Caesar M* (ou *C*) *Flavius Valerius Constantius Aug.* — foi elevado à dignidade de *Cesar* no primeiro dia de Março de 293. Em 305, por abdicação de Diocleciano, ascendeu ao Império. Morreu a 25 de Julho de 306.

Estão pois indicados os anos extremos em que podemos fixar a data da inscrição: 293-306. Não deve ser, todavia, do tempo em que Constâncio foi imperador, pois, neste caso, figuraria certamente na inscrição o cognome *Augustus* que lhe caberia como Imperador. Teremos, assim, como limite termo *ad quem*, o ano de 305.

É de supor, até, que seja do ano em que foi escolhido e reconhecido *César*. Se fosse mais tardia, talvez referisse outros epítetos — e vários foram. Demais, o carácter honorífico que apresenta parece traduzir-se num voto de júbilo pela ascensão de Constâncio à dignidade de César: «*Nobilissimo Caesari*». Deveremos, assim, atribuir-lhe o ano de 293.

Estará inédita esta inscrição?

O P.e Martins Capela no seu notável estudo *Milliários do Convento Bracaraugustanus em Portugal* (Porto 1895) escreve, a pág. 218:

> «Escasseiam os títulos epigráficos de Constâncio em Espanha. *Cinco* apenas nos dá o Sr. Hübner, dos quais *um* votivo (1171), outro comum aos dois augustos e dois césares em parte obliterado (1439). Dos três restantes aliás bem conservados, um (4763) atribuido a Braga por

Levy, ninguém conhece, a não o confundirmos com o publicado abaixo» (1).

E, seguidamente, transcreve sob o n.º 72 a inscrição honorífica do *Passeio das Carvalheiras*, em Braga:

IMP
FLAVIO · VAL
CONSTAN
TIO · P · F · NOBILIS
SIMO · CAES ·

Compara esta inscrição com a do número 4763 de Hübner, e conclui que deve tratar-se de epígrafe diferente (2).

É de Levy Maria Jordão que o célebre Epigrafista alemão copia, no volume II do *Corpus Inscriptionum* e sob o referido número 4763, a inscrição votiva a que se refere o P.e Martins Capela, indicando também a fonte de recolha de Jordão com a nota «e schedis Moreirae» (3).

Sirvamo-nos, pois, de Levy Maria Jordão.

Na obra deste Autor *Portugalliae Inscriptiones Romanas*... (Olisipone, 1859), sob o número 268 (pág. 119), encontramos a inscrição, que, depois, Hübner transcreve. Lê-se como segue:

D N FLAVIO
VALERIO
CONSTANTIO
NOBILISSIMO
CESARI.

Na página 328 diz Jordão ser esta inscrição de Braga e tê-la copiado dos *Manuscritos de Moreira* (4).

---

(1) Cf. Hübner. *Corpus*... II n.os 1171 (Constâncio), 1439 (Constâncio e Maximiano), 2202 (Constâncio), 4632 (Constâncio) 4763 (Constâncio) e 4910 (Constantino, filho de Constâncio).

(2) *Op. cit.* pág. 219.

(3) Hübner, *Corpus*... II no n.º 4763: «Levy 119, 268 «e schedis Moreirae» Aliunde non novi».

(4) «Bracara. Moreira *ms*».

Os manuscritos a que se refere Jordão constituem a conhecida «Collecção de Epitaphios, Inscripções e Lettreiros em 9 volumes», trabalho de António Joaquim Moreira. Encontram-se presentemente na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, rotulados com os números que vão de 225 a 231.

Consultámos demoradamente todos os volumes desta «Colecção» e não tivemos a sorte de encontrar a inscrição, tanto nas secções referentes a Braga e a Cabeceiras de Basto, como nas outras. Ter-nos-á escapado no volver das páginas, apesar do cuidado posto na procura? Terá errado Jordão na referência que faz?

É evidente a semelhança entre a inscrição referida por Jordão e a da Casa de Pielas de Cabeceiras de Basto.

Na de Jordão não aparecem os pontos depois das duas primeiras letras; o D inicial é maiúsculo e os AA da segunda e quarta linha têm o travessão horizontal. Estas são as diferenças existentes, que fàcilmente se podem explicar por deficiência ou arranjo de cópia (1).

Tratar-se-á da mesma inscrição?

Jordão di-la de Braga. Ora Cabeceiras de Basto fica a uma distância considerável de Braga: a mais de 45 quilómetros.

Embora as terras de Cabeceiras de Basto pertençam à Arquidiocese e distrito Bracarense, este facto não parece justificar que uma coisa do aro de Cabeceiras de Basto, se diga de Braga, pois por Braga entendemos a cidade ou as imediações.

Sabe-se que a coluna foi levada para o local, onde presentemente se encontra, pelo falecido Doutor Carvalho e Almeida, há umas dezenas de anos, de uma freguesia vizinha de Painzela, Abadim, que fica sensìvelmente à mesma distância de Braga.

---

(1) De facto o arranjo da cópia pode explicar, com facilidade, as diferenças. Em verdade, poderia o copista ao copiar (ou transcrever) *omitir* os pontos depois das duas primeiras siglas, substituir para maiúsculas a primeira sigla e escrever os dois AA com o traço transversal. São fenómenos que se repetem com frequência, quando não há rigor e meticulosidade na transcrição.

Como, sendo de Braga, foi parar tão longe a coluna com a inscrição?

Não repugna, é certo, esta deslocação. Mas não temos documentos que no-la afirmem. Deixamos, por isso, esta hipótese no domínio de mera hipótese.

Terá sido fiel a fonte onde Jordão colheu a informação sobre o local?

Terá errado Jordão ao indicar o local?

Tudo isto é possível. Um simples *lapsus calami*... (1).

O facto de serem iguais as duas inscrições (admitindo-se que são iguais) não é argumento absoluto e eficaz a favor da unidade. Com efeito, não repugna a existência de duas inscrições iguais, feitas na mesma ocasião e inspiradas no mesmo sentimento (e abertas até pelo mesmo lapicida). E mais fàcilmente se compreende esta afirmação tratando-se de inscrições honoríficas.

Em conclusão: Não será fácil, com os elementos que temos, resolver definitivamente a questão.

Pode tratar-se da mesma epígrafe, embora haja a dificuldade — não insuperável — da distância que separa Braga de Cabeceiras de Basto. Neste caso, ou o marco foi deslocado de Braga para a região de Cabeceiras de Basto, ou a informação do local dada ou copiada por Jordão não é exacta.

Podem ser duas inscrições distintas. A distância dos locais mais fàcilmente aconselharia esta hipótese. Não poderemos, em verdade, apelar para as diferenças

---

(1) Hübner não faz referências elogiosas a Levy Jordão. Pelo contrário. Chega a dizer que ele é «rei epigraphicae prorsus ignarus». Lamenta que Jordão não lhe tenha facultado a consulta dos manuscritos de António Joaquim Moreira e termina a nota sobre Jordão e a citada obra *Portugalliae Inscriptiones Romanas*... do modo seguinte: «Levy igitur melius fecisset, si librum suum omnino non scripsisset» Cf. *Corpus Inscriptionum*... Vol. II, pág. XXV, n.º 88. Permitimo-nos fazer o seguinte reparo: todos os volumes da «Colecção de Epitáphios...», de António Moreira são datados de 1864. A obra de Jordão *Portugalliae Inscriptiones*..., em que se transcrevem muitas inscrições da *Colecção de Epitáphios*, foi impressa em Lisboa, no ano de 1859. (*Olisipone, Typis Academicis*, MDCCCLIX). Como explicar o desencontro das datas?

existentes, porque, como já foi dito, a transcrição do copista pode explicar sem dificuldade as ligeiras alterações, entre a epígrafe e a leitura. Observamos, no entanto, que a igualdade das inscrições (se as considerarmos iguais) não é argumento que contrarie eficazmente a hipótese de duas epígrafes em monumentos distintos.

Em qualquer dos casos, a descoberta desta inscrição vem enriquecer o nosso património epigráfico.

Se é distinta da referida por Jordão (e transcrita, depois, por Hübner), é mais uma inscrição que aumenta o *Corpus Inscriptionum* do território que hoje é Portugal, embora tenhamos de lamentar que uma outra tenha desaparecido. Se é a mesma, o facto de se encontrar, julgando-se perdida, — ninguém a conhece, diz o P.e Martins Capela — enriquece também o nosso Corpus Inscriptionum, pois sabemos existir mais um documento que, embora registado, se julgava desaparecido.

Obras citadas

1 — António Joaquim Moreira:
Golecção/de/Epitáphios, Inscrições e Lettreiroz/ em 9 volumes/
Lisboa 1864.
Mss. n.os 225 a 231 da Academia das Ciências de Lisboa.

2 — Levy Maria Jordão
Portugalliae Inscriptiones Romanas (edidit...)
Volumen I. Olisipone M DCCCLIX
LXII+361 págs.

3 — Aemilius Hübner. *Corpus Inscriptionum Latinarum*, Vol. II (1889).

4 — M. Capella —
Milliários dos Conventus Bracaraugustanus em Portugal.
Porto, 1895, 272 págs.

5 — René Cagnat
Cours d'Épigraphie Latine
Quatrième edition. Paris, 1914.
XXVIII+504 págs. e XXVII láminas.